



Esta palmeira foi inspirada no único exemplar encontrado em SP, no Instituto de Botânica

Reprodução

animais silvestres apreendidos que seriam traficados. Entre eles, 13 araras azuis, vindas de diferentes estados brasileiros e duas delas de Singapura. Uma casal escolhido pela artista, serviu de modelo para seus primeiros retratos do casamento. São oportunidades raras de observar os animais em seu habitat e comportamento natural.

Outra espécie de arara, não prevista inicialmente mas que acabou entrando no projeto, é a *Cyanopsitta spixii* (ararinha azul, em extinção). Não se tinha registro dela fazendo ninho ou descansando em palmeiras e o seu colega a desencorajou a usar a ave no projeto, mas a artista insistiu: a oportunidade surgiu ao ler um trecho do livro do alemão Helmut Sick onde dizia que essas araras faziam pequenas migrações e que ele vira, segundo ele próprio informou Angela, um bando de sete fazendo um vôo sobre um buritizal no sertão da Bahia, concluindo que elas visitassem estas palmeiras durante as migrações. “Para mim estava certo: faço um buriti e ponho sete voando em cima”, alegrou-se. As imagens de Angela tomam forma

após muito tempo estudando os animais, através de livros e artigos científicos ou observando-os na natureza. “Só depois desse convívio, posso desenhar pois aí já sei a imagem que quero”, conta. Um dos raros animais pintados por ela sem jamais tê-lo visto ao vivo é a baleia. “Se já fiquei com taquicardia ao me deparar com um *D. nobilis*, o primeiro jequitibá que vi na floresta; o que vou sentir ao me deparar com uma jubarte fazendo um *breaching* [salto acrobático para fora d’água]?”. A paixão pela natureza não serve apenas como instrumento de trabalho, Angela aproveita para divulgar sua campanha em defesa de animais tidos como agressivos, como ariranhas e lobos.

O MOVIMENTO DAS ÁRVORES Um das fases mais importantes de sua vida foi quando recebeu aulas de pesquisadores da Embrapa- Florestas sobre a floresta do Caçador, em Santa Catarina. Parte das instruções aconteceram *in locu*, onde pôde perceber sua heterogeneidade: “em cada quarteirão a proporção de árvores é única”. Foi com a ajuda do silvicultor Arnaldo Soares que a artista plástica ficou fascinada pela idéia das florestas serem móveis, “uma coisa que só um especialista podia me mostrar”. Durante inúmeros ciclos, a floresta vai avançando sobre o campo, sendo sempre precedida pela plantas pioneiras, responsáveis por criar condições mais apropriadas para que outras plantas cresçam no local, até serem finalmente substituídas pelas árvores maiores. Chegando ao coração da floresta, Angela se viu diante de cedros e embuias com diâmetros de tirar o fôlego, banhados por uma luminosidade e sonoridade particulares. “Foi uma emoção impressionante”, lembra. Essas imagens compõem hoje seu acervo.

Germana Barata



Duplicação

Capa do livro que explica o DNA

Coleção

PARA FUTUROS CIENTISTAS

No ano em que se comemoram os 50 anos da elucidação da estrutura do ácido desoxirribonucleico (DNA), a molécula da hereditariedade permanece desconhecida, pois apenas uma fração da população entende os fundamentos da biologia molecular.

Nesse contexto, *Watson & Crick, a história da descoberta da dupla hélice*, da coleção Imortais da Ciência, deve ser saudado como uma abordagem do tema para “não-iniciados”. O livro do biólogo molecular Ricardo Ferreira tem caráter paradidático, como aliás os outros títulos da Editora Odysseus.

Na contexto criado pelo autor, os leitores observam o feito numa perspectiva temporal mais ampla, que começa bem antes de 1953 e está longe de terminar. “A verdade é que a revelação da estrutura do DNA foi a consequência lógica de 80 anos de investigações encabeçadas por inúmeros cientistas, entre predecessores e contemporâneos da descoberta”, diz o autor.